



Do capitalismo financeiro à industrialização *sweatshops* na América Latina: Haiti, incerteza política e seu envolvimento direto na vida socioeconômica nos dias atuais

Fednel Saintil¹

Raphael Lobo Duarte Batista Teixeira²

Resumo

Na América Latina, via de regra, quando se fala em industrialização, se vem a memória países como Brasil, Argentina e México, não obstante, o processo de substituição de importações proposto pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe – CEPAL nos anos 60. Neste presente artigo, buscamos vislumbrar alguns elementos importantes para a perspectiva da integração produtiva na região caribenha. À vista disso, nos centramos sobre a terceira fase do estágio imperialista, isto é, etapa onde se estabelece um tripé: reestruturação produtiva, financeirização e ideologia neo-liberal. A estrutura produtiva baseada no taylorismo-fordismo e o keynesianismo é enterrada definitivamente nos anos 80 do século XX e, no qual se inicia uma nova fase de acumulação, onde o trabalho é “flexibilizado” e as empresas multinacionais norte-americanas - do mesmo modo como algumas europeias e japonesas - garantem o controle estratégicos de bens intangíveis e promovem desterritorialização da produção, em que unidades produtivas são instaladas em países periféricos nos quais em seu limite surge o fenômeno das *sweatshops* (“fábricas do suor”). Esse artigo focaliza tais ocorrências no Haiti, este país singular na América Latina.

Palavras chave: Fábricas do suor, América Latina, Caribe, Haiti.

Del capitalismo financiero a la industrialización *sweatshops* en América Latina: Haití, la incertidumbre política y su participación directa en la vida socioeconómica actual

Resumen

En América Latina, por regla general, cuando se habla de industrialización, se viene a la memoria países como Brasil, Argentina y México, no obstante, el proceso de sustitución de importaciones propuesto por la Comisión Económica para América Latina y el Caribe - CEPAL en los años 60. En este presente artículo, buscamos vislumbrar algunos elementos importantes para la perspectiva de la integración productiva en la región caribeña. A la vista de ello, nos centramos en la tercera fase del estadio imperialista, es decir, etapa donde se establece un trí-pode: reestructuración productiva, financierización e ideología neoliberal. La estructura productiva basada en el taylorismo-fordismo y el keynesianismo es enterrada definitivamente en los años 80 del siglo XX y, en el que se inicia una nueva fase de acumulación, donde el trabajo es "flexibilizado" y las empresas multinacionales norteamericanas - del mismo modo, como

¹ Mestrando em Economia Aplicada pela UFBA. Contato: saintilfedny@gmail.com

² Mestrando de pós-graduação em Integração Contemporânea da América Latina -PPGICAL e discente de Economia do Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política -ILAESP da UNILA, a Universidade Federal da Integração Latino Americana. É membro do Grupo de Pesquisa América Latina: Integração e Desenvolvimento (CNPq). E-mail: raphael.teixeira@aluno.unila.edu.br

algumas europeas y japonesas- garantizan el control estratégico de bienes intangibles y promueven desterritorialización de la producción, en que unidades productivas se instalan en países periféricos en los que en su límite surge el fenómeno de los sweatshops ("fábricas del sudor"). Este artículo se centra en estos sucesos en Haití, este país singular en América Latina.

Palabras clave: F del sudor, América Latina, Caribe, Haití.

From financial capitalism to industrialization sweatshops in Latin America: Haiti, political uncertainty and its direct involvement in socioeconomic life today

Summary

In Latin America, usually, when we talk about industrialization, countries such as Brazil, Argentina and Mexico come in mind, notwithstanding, the import substitution process proposed by the Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC) in the 1960s. In this article, we seek to find out some important elements for the perspective of productive integration in the Caribbean. In view of that, we focus on the third stage of the imperialist stage, that is, the stage where a tripod is established: productive restructuring, financialization and neoliberal ideology. The productive structure, based on Taylorism-Fordism and Keynesianism, is definitely buried in the 1980s, and in which a new phase of accumulation begins, where labor is "flexibilized" and US multinational corporations just as some European and Japanese ones - guarantee the strategic control of intangible goods and aid deterritorialization of production, in which productive units are installed in periphery countries in which the phenomenon of sweatshops ("sweat factories") emerges. This article focuses on such occurrences in Haiti, this unique country in Latin America.

Key words: Sweatshops, Latin America, Caribbean, Haiti.

1. Introdução

Em 1982 é deflagrada a crise da dívida no México. Esse acontecimento, provavelmente seja o divisor de águas que marca as profundas modificações estruturais sucedidas na América Latina. A conformação do Estado e da sociedade que até então, estavam imersas no ensinamento Keynesiano é abruptamente substituída por um programa político austero, com a justificativa de equilibrar as contas públicas fazendo confiar que “o caminho para a proteção dos mais pobres é, portanto, finanças públicas equilibradas como variável básica para a manutenção do valor da moeda e do controle sobre a inflação”³.

Curiosamente, o debate sobre a desigualdade e a distribuição da renda, vai ganhar repercussão na Europa e nos Estados Unidos, sobretudo a partir dos anos de 1990. Os impactos causados pelo que ficou denominado *Consenso de Washington*, que teve como teste, a ditadura de Augusto Pinochet no Chile, em 1973, geraram consequências de grandes proporções,

³ Ouriques; Carvalho; Kutkoski. *A Aristocracia Financeira e o Assalto ao Estado na América Latina*, 2001, p. 208.

com destaque para a miséria e o pauperismo a tal ponto, que fez com que instituições militantes do capitalismo como difusor do progresso social, para ser mais exato, o Fundo Monetário Internacional – FMI e o The World Bank, se verem forçados a abordar o tema.

A desigualdade, sob a forma do seu sintoma mais imediato que é a miséria e o pauperismo ganha tamanha magnitude que faz gerar um consenso entre 200 países, perante a Organização das Nações Unidas – ONU de firmar um compromisso no ano de 2001 para erradicar a miséria absoluta.

Com 15 anos da implantação e consolidação das políticas que ficaram conhecidas como neoliberais, a desigualdade alcança um grau que lembra os tempos da Revolução Industrial (NETTO, 2015).

Nos anos 30-40 do século XIX, para nomear o pauperismo e a miséria da classe trabalhadora no processo de desenvolvimento da Industrialização, se cria o conceito de “questão social”. Hoje, a diluição moral da pobreza é pauta política programática dos principais partidos, sejam eles de esquerda ou direita.

A partir da segunda metade do século XIX, vai haver uma redução na situação de penúria das massas, e que vai atingir níveis razoáveis, entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o final da década de 1970. Segundo Netto (2015) podemos afirmar que os níveis extremos de desigualdade desapareceram na parte Norte do planeta, no período de regulação social que ficou conhecido como Welfare State (Estado de *Bem-Estar*). Sem embargo, as políticas neoliberais encerram esse ciclo. Apesar disso, é comum, ainda pensar, que a acumulação capitalista possa retroceder para o domínio da valorização do capital produtivo, com baixas taxas de desempregos e com o Estado investindo estrategicamente na economia e políticas sociais. Entretanto, o que estamos acompanhando reiteradas vezes nos últimos anos, é que esse modelo está obsoleto, no seu limite superado⁴.

A expansão de políticas ultraconservadoras, como a do governo Reagan, que ficou marcada como Reaganomics, que tinha como base a redução de tributos, sobretudo para beneficiar as grandes corporações e as famílias mais ricas. Acompanhada da desvalorização do dólar, medidas protecionistas, elevação da taxa de juros, que atraiu capitais externos e, por fim, a pressão para a queda do valor da força de trabalho e matérias primas. Tudo com o objetivo de promover a recuperação das taxas de lucros (SOUZA, 2009).

Esse novo cenário gerou a modificações substanciais nas forças produtivas e relações de produção, viu-se a emergir atividades industriais de montagem *maquila* ou *sweatshops* como

⁴ Ouriques; Carvalho; Kutkoski. A Aristocracia Financeira e o Assalto ao Estado na América Latina, 2001, p. 206.

utilizamos nesse trabalho. Segundo Osorio essa reestruturação produtiva pode ser caracterizada como,

[...] espécie [...] de novos enclaves, à medida que um número reduzido de atividades, geralmente muito limitadas e que concentram o dinamismo da produção local, ao demandar prioritariamente do exterior equipamentos, bens intermediários e, em alguns casos, até matérias-primas, para não falar da tecnologia e do *design*, sendo os salários e impostos o aporte fundamental à dinâmica da economia local⁵.

Nesse trabalho vamos focalizar o fenômeno dessas indústrias de montagem no Haiti, país esse que a partir dos anos 80 – precisamente na conjuntura da desterritorialização da produção - passa a conceber *zonas industriais*. Ainda de acordo com Jaime Osorio (2012),

Esses novos eixos produtivos constituem, em geral, segmentos de grandes cadeias produtivas globais, sob direção do capital transnacional, que já não obedecem a projetos nacionais de desenvolvimento, sendo o capital mundial, ao contrário, o que define que nichos privilegiar e impulsionar nas economias específicas[...]⁶.

Um novo pauperismo mais acentuado, violento e globalizado. E que se desenvolve inclusive nos países tidos como de capitalismo central, que nos 30 anos do pós-guerra a extrema pobreza parecia erradicada. Portanto, entramos nos anos 90, tendo o pauperismo como expressão da acentuada desigualdade, como um dos principais temas de estudo e preocupação de Governo, Universidades e etc.

O processo de transplante de plantas Industriais para o Haiti, supostamente tem uma carácter “humanitário”, no entanto,

Nas novas condições, até o imaginário despertado com a industrialização em torno da produção sob direção local e com respostas a necessidades nacionais acabou por ser derrubado. Se no sistema mundial capitalista a soberania sempre foi objeto de uma distribuição desigual, mais forte nas economias centrais e mais débil nas regiões e economias periféricas, tal situação foi agudizada nas atuais condições globais de direção transnacional, com elos e segmentos distribuídos⁷.

E por fim, esse breve artigo buscará problematizar questões complexas - como é o debate sobre a atualidade do Haiti-, relacionando à temática pouco conhecida pelo público em geral, - que é o complexo de indústria têxtil neste país.

2. A Industrialização da América Latina

⁵ Osorio, Jaime. Padrão de reprodução do capita: uma proposta teórica, 2012, p. 113.

⁶ Idem

⁷ Idem

No livro *O capitalismo dependente latino-americano* a professora Vânia Bambirra (2015), esboça uma tipologia das sociedades dependentes com base na industrialização dos países da América Latina. “Quais são os fatores histórico-estruturais que possibilitaram que a industrialização começasse várias décadas antes em alguns países em relação a outros? ”.

Para Bambirra (2015), existiam 3 tipos de conjuntos de países na região, no qual por sua vez, poderiam ser subdivididos em,

Os países que já tinham começado a industrialização antes do pós-guerra [...] países com início antigo de industrialização (tipo A) [...] países nos quais a industrialização teve início no pós-guerra; países que começaram esse processo ao final dos anos 1950 e início da década de 1960; e, por último, países que não iniciaram a industrialização até o presente⁸.

De acordo com o exposto acima, as constelações de países latino-americanos estariam classificadas em tipo A, B e C conforme tabela abaixo:

TIPO A De Industrialização (Antes da década de 40)	TIPO B De Industrialização (Pós década de 40)	TIPO C Sem Diversificação Industrial
Argentina	Peru / El Salvador	Paraguai
México	Venezuela / Panamá	Haiti
Brasil	Equador / Nicarágua	Panamá
Chile	Costa Rica / Honduras	
Uruguai	Guatemala / R. Dominicana	
Colômbia	Bolívia	

Fonte: Elaboração própria com base no livro **O Capitalismo Dependente Latino-Americano**.

Desse modo, com base no apresentado, é importante notar que o Haiti é situado dentre o marco de “países que não iniciaram a industrialização até o presente”. Na análise dos fatores histórico-estruturais da industrialização na América Latina, não podemos *olvidar* da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, criada em 1948. Um estudo que tenha a pretensão de investigar aspectos econômicos latino-americanos tem que, inexoravelmente, passar pela CEPAL.

Em 1949, o argentino Raúl Prebisch esboça os primeiros estudos sobre a dependência, fazendo uma revisão crítica da teoria Ricardiana de comércio exterior, também conhecida como “Teoria das vantagens comparativas”. No que consiste essa teoria? Consiste que se os países atrasados se especializassem em produzir produtos primários, e os avançados em ma-

⁸ BAMBIRRA, Vânia. *O Capitalismo Dependente Latino-Americano*. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2015, p. 56-58-59.

nufaturados, nas trocas comerciais entre eles, os que se especializariam em produtos primários levariam vantagens, devido poder absorver a produtividade dos países avançados (MANTEGA, 1984). Entretanto Prebisch demonstra que as economias centrais não estavam repassando aumento de produtividade para os subdesenvolvidos, o que gerava no final do intercâmbio de mercadorias, uma inclinação dos preços, favorecendo sempre os produtos industrializados.

De acordo com Mantega (1984), a CEPAL tinha como missão desvendar o subdesenvolvimento da América Latina em relação às regiões centrais desenvolvidas e encontrar meios para supera-lo. O diagnóstico que se encontra é dois:

- a) A causa do retardamento é a estrutura interna das nações periféricas, marcada pela produção de produtos primários com reduzida integração entre os setores da economia somados a um desemprego estrutural.
- b) O motivo do atraso é fruto das relações comerciais com o centro capitalista, pois se registra uma queda regular do poder de compra de produtos manufaturados em relação a bens primários. Em resumo, cada unidade de bem primário exportado, equivale a uma quantidade cada vez menor de mercadorias manufaturadas, e o mais importante de tudo: se as economias periféricas fossem guiadas pela lei do *livre mercado*, nunca sairiam da condição de atraso.

Cabe ressaltar, que esse período e/ou conjuntura é sincrônico com a Guerra Fria, e por conseguinte, os países industrializados avançados não tinham em seu horizonte estratégico prescrever políticas agressivas, que prejudicassem demasiadamente os países periféricos. Pois tinha o risco eminente desses últimos passarem para o lado oriental do globo, isto é, alinhar-se com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS.

3. Do Capital Financeiro à Industrialização Sweatshops

Após os anos 60 e70 do século XX de grande efervescência entre revoluções e grande debate sobre o desenvolvimento na América Latina inaugura-se o período de desestatização – no Chile e Argentina essa é encabeçada por suas ditaduras, 1973 e 1976 respectivamente. Segundo Netto:

A recessão generalizada de 1974-1975 acende o sinal vermelho para o capital monopolista que, a partir de então, implementa uma estratégia política global para reverter a conjuntura que lhe é francamente negativa. [...]simultaneamente, começam a ser introduzidas alterações nos circuitos produtivos que deslocam cada vez mais o padrão que se consolidou nos “anos dourados”: esgota-se a modalidade de acumulação denominada rígida, própria do taylorismo-fordismo, e começa a ser instaurar aquela que vai caracterizar a terceira do estágio imperialista, a acumulação flexível⁹.

Segundo (SOUZA, 2009), em 1989 com a participação central dos EUA, e de seus funcionários de Governo, do FMI, do Banco Mundial, do BID e dos economistas Latino-americanos, se promulgou um documento que iria ficar conhecido como Consenso de Washington. A década de 90 foi marcada pela concepção de que o mundo estava entrando neste processo de globalização, onde os Estados Nacionais deixariam de ter um papel preponderante na esfera econômica, adotando políticas econômicas livres das amarras do protecionismo, uma política econômica global, sem fronteiras, com o protagonismo das empresas transnacionais sob os cuidados exclusivos da entidade Mercado. Todo esse processo foi um aprofundamento das políticas conhecidas como *Reaganomics*. Para Souza,

Que as relações econômicas, tanto em cada país, quanto no âmbito mundial, fossem reguladas pelo mercado. Este seria capaz de distribuir adequadamente os recursos existentes entre os distintos ramos da economia, regiões ou países, de forma a promover a prosperidade, o bem-estar e a felicidade geral da humanidade (2019, p. 122).

O documento elaborado naquele encontro tinha como metas: a “abertura econômica”, a “desestatização”, a “desregulamentação financeira” e a “flexibilização das relações de trabalho”. É importante observar que os objetivos desse “consenso” não tinham como prioridade os países do centro capitalista. O objetivo estratégico era a América Latina.

Conforme Netto (2012),

A fase do “pós-fordismo” – opera-se a reestruturação produtiva. De uma parte, a produção “rígida” (taylorista-fordista) é substituída por um tipo diferenciado de produção de produção, que da forma anterior montem a característica de se realizar em grande escala; todavia, ela destina-se a mercados específicos e procura romper com a estandardização, buscando atender variabilidades culturais e regionais e voltando-se para a peculiaridades de “nichos” particulares de consumo. De outra maneira, o capital lança-se a um movimento de desconcentração industrial: promove a desterritorialização da produção – unidades produtivas (completas ou desmembradas) são deslocadas para novos espaços territoriais (especialmente áreas subdesenvolvidas e periféricas), onde a exploração da força de trabalho pode ser mais intensa (seja pelo

⁹ NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução Crítica. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 227

baixo preço, seja pela ausência de legislação protetora do trabalho e de tradições de luta sindical¹⁰.

Nesses termos, a CEPAL lança em 1989 um documento intitulado: “*Transformação produtiva com equidade: a tarefa prioritária do desenvolvimento da América Latina e do Caribe nos anos 1990*”, coincidência ou não, foi escrito um ano após a elaboração do referido documento, em Washington. Nessa conjuntura, fica claro que a conformação do Estado e da sociedade, que até então continha fortes influências Keynesianas, foi abruptamente substituída por um programa político austero, com a justificativa de equilibrar as contas públicas, fazendo confiar que “o caminho para a proteção dos mais pobres é, portanto, finanças públicas equilibradas como variável básica para a manutenção do valor da moeda e do controle sobre a inflação” (Ouriques; Carvalho; Kutkoski, 2001).

A transformação produtiva com equidade da CEPAL nos anos 1990 vai justamente ao encontro do Consenso de Washington, ou seja, é a inter-relação entre fenômenos históricos em escala mundial. As diretrizes eram fortalecer as frágeis democracias da região, de modo a ajustá-las e prepará-las para absorver as mudanças tecnológicas, modernizar o setor público visando a distribuição de renda e, trazer notoriedade para a questão ambiental (CEPAL, N. U, 2000).

O texto reconhece que os países Latinos americanos entraram na década de 1990 em profunda desvantagem, produto direto da crise da dívida externa. Por outro lado, assume uma posição que podemos chamar até mesmo de idealista, quando afirma que nesse cenário é possível exigir, dos países industrializados, responsabilidade pela coletividade da economia mundial, que se possa contemplar um vigor econômico para todos (CEPAL, N. U, 2000). Com relação à integração latina americana, passa-se a dar ênfase à iniciativa empresarial, competitividade e rentabilidade. É partir daí que as forças motrizes do desenvolvimento e da integração regional, o léxico “pluralismo”, “democracia”, “harmonização social”, “interação criativa entre público e privado” entre outras, de comum acordo com o Banco Mundial e com o Consenso de Washington, passam a substituir a palavra Subdesenvolvimento, que desaparece dando lugar a um novo conceito: “países em via de desenvolvimento”. A reestruturação do setor público é outra tarefa apontada que coincide com o “novo liberalismo”, principalmente com a descentralização da ação estatal, o que reflete também na questão regional, tendo que ser “aberta” comercialmente para garantir mercados externos (CEPAL, N. U, 2000).

¹⁰ NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução Crítica**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 228

4. Uma Breve Análise sobre o Haiti

O Haiti, sendo que o primeiro país independente da América Latina e segundo na América em geral, é considerado como o país mais pobre da região hoje em dia. Segundo JORGE (2014), durante os séculos XIX e XX as principais produções do Haiti foram grande plantação de cana-de-açúcar, pequena propriedade rural familiar voltada para a subsistência e para penas roças de café que lhe permitirá a inserção ao comércio exterior ainda no século XIX¹¹.

Os principais parceiros comerciais do Haiti no século XIX e até metade XX foram: os Estados Unidos, França e Alemanha. De acordo com Alvarez¹² estes três países absorveram 68% das exportações haitianas. Os dois países europeus citados especialmente exportaram o café do Haiti, porém existia a contribuição de outros países do continente europeu na exportação haitiana que não tiveram muito relevantes comparando com esses seus potenciais europeias mencionadas.

Durante as últimas décadas, há uma nova tendência na configuração da balança comercial do Haiti. Ao analisarmos a historiografia do país sob aspectos distintos conseguimos destacar certas peculiaridades estruturais na vitalidade do país. De ponto de vista político o Haiti entrou em uma nova na sua história em 1986, isto é, o chamado “processo de redemocratização”. Do ponto de vista econômico, a América latina estava endividada e os cientistas sociais chamam de “década perdida” (1980-1990). O Haiti teve um crescimento econômico na década anterior de 80, devido às crises de 1980 que romperam o crescimento da economia haitiana, e também as políticas macroeconômicas tiveram seus desdobramentos internos e externos na evolução da estrutura do estado haitiano. Resumidamente, com a onda da globalização e as práticas da político-econômica neoliberal, analiticamente, o país sofreu e continua sofrendo os impactos das medidas tomadas desde então.

Há uma nova tendência na economia haitiana nos últimos anos, percebemos que está tendo crescimento nas exportações manufatureiras haitianas, ao analisar a balança comercial do Haiti. Ao considerar que as exportações têxteis do Haiti têm um peso relevantes no PIB e são produtos manufatureiros, semi-industriais. Será que é uma expectativa para o país se reinserir ao mercado internacional do comércio? Ou será que o governo local tem o controle do mercado do trabalho? Como pode-se explicar essa nova configuração estrutural na economia

¹¹JORGE, Otávio Calegari; Codemò: escravos sem grilhões. Vida operária ao redor da zona franca CODEVI em Ouanaminthe, Haiti, 2014, Campinas.

¹² La evolución económica de Haiti a través Del comercio, 1915 – 1959. Tesis doctoral – Rocío Morales Alvarez (UAB- Universitat Autònoma de Barcelona) – Facultad de Filosofía y letras – Departamento de Historia Moderna y Contemporánea – Doctorado em Historia social y política comparada) – diciembre 2016.

haitiana? Quais são os proprietários das indústrias têxteis no Haiti? Como e desde quando esses centros industriais se implantaram no país? Qual é a mão-de-obra usada?

De acordo com a CEPAL¹³:

O surgimento da indústria de subcontratação (em francês sous-traitance) no Haiti data do início da década de 1970 e, desde então, tornou-se o principal setor exportador do país. Até o momento, esta indústria contribui com mais de 70% para o total das exportações líquidas os Estados Unidos como o principal destino (Relatório da CEPAL, 2007, P.3).

O Haiti é a 145ª maior economia de exportação do mundo. Em 2016, o Haiti exportou US \$ 1,11 bilhão e importou US \$ 2,95 bilhões, resultando em um saldo negativo de US \$ 1,84 bilhão. Em 2016, o PIB do Haiti foi de US \$ 8,02 bilhões e seu PIB per capita foi de US \$ 1,78 milhão¹⁴.

Essa nova configuração estrutural das exportações do Haiti está representada pelos seguintes produtos que estão na tabela 1, são liderados por 39% de malha camisetas, seguido por 20% de Blusas de malha, 13% de não Malhas ternos, etc., ou seja, são 90% das exportações do Haiti em 2016 foram da indústria têxtil, podemos ilustrar e ver claramente na tabela 2 a representação das exportações dos produtos têxteis do Haiti e os outros produtos de outros setores representam por 10% das exportações na balança comercial do país.

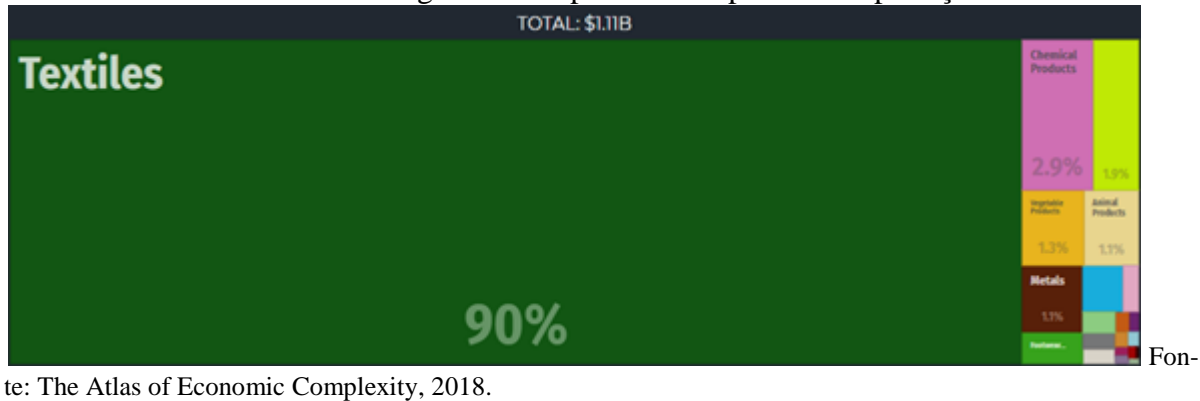
Tabela 1 – Porcentagem dos produtos manufaturados pelo Haiti.



Fonte: The Atlas of Economic Complexity, 2018.

¹³ Rapports (2007) des Nations unies - commission économique pour l'Amérique latine et les Caraïbes – CEPALC. Intitulé : Haiti – Evolution économique de l'année 2006 et les perspectives pour 2007.

¹⁴ <https://atlas.media.mit.edu/fr/profile/country/hti/>. Acesso em: 25/06/2018, às 18:24.

Tabela 2 – Porcentagens destes produtos na pauta de exportação.

Origens: As principais origens das exportações do Haiti são 82% para os Estados Unidos em termo de valor foram (\$906 Milhões), em seguida, a Republica Dominicana com 4.6% das exportações têxteis haitianas, México e Canadá, ambos países estão com 2.6% para cada, os países tradicionais parceiros comerciais do Haiti como França, Reino Unido e outros países da Europa estão com menos de 5% de exportações têxteis do Haiti e há participação de alguns países da América do Sul como o caso de Brasil, Peru, Colômbia, etc., que não representam um nível alto das exportações têxteis haitianas comparando com as dos outros países. Explicitamente a tabela 3 nos elucida melhor a tendência das exportações dos produtos do Haiti para os países citados.

Tabela 3 – Porcentagem do destino dos produtos manufaturados pelo Haiti.

Ainda segundo os dados analisados na balança comercial do Haiti, as principais importações haitianas têm suas origens: primeiramente a Republica Dominicana seu país vizinho que representa a maior parte (27%), e seguida os Estados Unidos com 24% e percebemos que o Haiti consome também produtos asiáticos principalmente da China 15% e tem a participação de outros países como Índia, Japão etc., na região europeia como desde sempre o Haiti fica mantendo suas relações comerciais com os países como a França, a Inglaterra, Alemanha

Espanha e outros, porém não é significativo a representação das importações desses países europeus no Haiti. A tabela 4 ilustra claramente a tendência de origens das importações do Haiti em 2016.

Apesar da tentativa do Haiti na inserção do comercio internacional através dos produtos têxteis, porem isso não resolve os problemas do país. Como vimos que a transformação da configuração das exportações do Haiti nas últimas décadas, é que pós-ditadura militar nos anos 1987, o Haiti enfrentou novos desafios nacionais e internacionais. A chamada de “globalização” vinculada com os reajustes macroeconômicos dos países latino-americanos e caribenhos e com o fortalecimento dos dez pontos de Consenso de Washington na década de 90, particularmente a economia haitiana tornou-se um desastre desde então.

De acordo FIEVRE no seu estudo da evolução intitulado: “*Chocs Externes et Ajustement dans une Petite Economie Ouverte: Le Cas d’Haiti (1960-1990)*”, destacou três períodos distintos analisando a evolução do produto interno bruto (PIB) – disse no terceiro período está entre 1981 a 1990, este intervalo foi marcado pelo declínio nas exportações com uma variação média de -1,98%.

La hausse des prix du café sur Le marche international (1981), la crise pétrolière (1980) provoquant une baisse du revenu des principaux partenaires commerciaux d’Haiti et, en dernier ressort, le début de la crise politique haitienne sont autant de facteurs qui ont influencé négativement les exportations au cours de la période de 1981-90. L’interruption de l’exploitation de la mine de beauxite à Miragoane en 1982 qui générait 14,77% en moyenne des revenus d’exportation provoqua une baisse importante de ces revenus (FIEVRE, 1994, p. 15).

Com a queda das exportações do Haiti como relatou o autor, de repente, o país estava numa tendência transitória, seria a entrada de capital estrangeiro e o enfraquecimento do estado do Haiti. De fato, a caracterização da conjuntura haitiana nas últimas décadas: do ponto de vista político é um desafio para o processo de redemocratização (crise política, forte intervenção do poder hegemônico dos países industriais, etc), do ponto de vista econômico: devido às crises estruturais e instabilidade política da conjuntura 1987 a 2006, mas a partir de 2008 vai haver tentativa de crescimento do PIB apesar de que o balanço de pagamento do Haiti tem a tendência deficitária. Como já foi mencionado que a indústria têxtil tem um papel fundamental na economia do Haiti, de acordo com a associação das industriais do Haiti (L’Association des Industries d’Haiti - ADIH) os proprietários dessas industrias são estrangeiros, então, evidentemente são os desdobramentos da abertura da economia local, e pôr fim a tentativa de explorar mão de obra barata haitiana.

A partir da década de 1980, vários ideólogos do capital, sobretudo os economistas, passaram acreditar que poderiam gerar riqueza sem a necessidade de utilizar força de trabalho, pois o trabalho foi substituído pelo avanço tecnológico, todavia, longe de estarmos em tal estágio. O que se observa é um processo de contra-reformas não no intuito de desarticular a classe trabalhadora, mas, sobretudo reverter a tendência a queda da taxa de lucro.

As estratégias implantadas pós anos 70 visavam liquidar as garantias dos trabalhadores, garantias essas adquiridas com base em um modelo que ficou conhecido como *Welfare State*.

A ofensiva do capital reacende a “questão social”, - com a transformação estrutural veio a desterritorialização da produção e com ela o desemprego maciço em algumas regiões e, em outras, o aparecimento das empresas maquiladoras ou Sweatshops.

Nesse artigo procuramos fazer uma abordagem preliminar sobre o caso do Haiti, sendo este o primeiro país independente da América Latina e segundo na América em geral, e tido como o país mais pobre da região hoje em dia. Segundo a retórica oficial, o processo industrial têxtil no Haiti visa a preocupação com a “questão social”, isto é, resolver o pauperismo e o fluxo migratório, - outro traço também marcante dessa nova fase de acumulação do capital.

Não obstante, apesar da tentativa do Haiti na inserção do comércio internacional através dos produtos têxteis, porém, isso não resolve os problemas do país. Como vimos, a transformação da configuração das exportações do Haiti nas últimas décadas, é que pós-ditadura militar nos anos 1987, e o Haiti enfrentou novos desafios nacionais e internacionais agora na chamada “globalização”, vinculada com os reajustes macroeconômicos dos países latino-americanos e caribenhos. Não obstante, com o fortalecimento dos dez pontos de Consenso de Washington na década de 90, particularmente a economia haitiana tornou-se um desastre desde então.

Considerações Finais

Em geral, os estados nacionais e seus governos, por meio de suas políticas, mudam o ambiente no qual as empresas operam e os agentes econômicos interagem. Nesse sentido, informações relacionadas às escolhas do governo em relação às políticas econômicas, bem como a incerteza gerada no processo de escolha, podem influenciar o mercado acionário e gerar graves crises políticas, econômicas e sociais.

Em todos os países do mundo, a incerteza política é inimiga do investimento estrangeiro ou privado. STIGLITZ (2000) nos ensinou que um dos elementos-chave da economia moderna é "incentivo". Esse conceito na economia não é novo, mas é a base do modo de produção

econômica da informação durante essas últimas décadas. De fato, o governo haitiano concede dois tipos de incentivos fiscais para atrair investimentos estrangeiros por meio de acordos e leis preferenciais (HOPE I e II): benefícios sobre direitos alfandegários e benefícios sobre o imposto de renda. No obstante, a maioria da população não se beneficia muito em troca, porque quase $\frac{3}{4}$ das pessoas estão desempregadas no Haiti. Assim, de acordo com a SAINTIL (2018), a história da literatura econômica do país nos ensinou que as exportações haitianas foram primordiais durante a maior parte de sua história, mas certamente sua inserção no mercado internacional durante as últimas décadas apresenta mudanças radicais. Justamente, seria o resultante da aplicação das leis preferências aos Estados Unidos.

Apesar dos esforços desses últimos governos neoliberais haitianos nos últimos anos para atrair investidores, no entanto, há um desafio para o desenvolvimento do setor produtivo haitiano e para o investimento estrangeiro no país. De acordo com o relatório Doing Business 2019, publicado pelo Banco Mundial, o Haiti ocupa a 182ª posição entre 190 países. Bem, essa posição nos faz entender que o país tem problemas para trazer investidores. Sem dúvida, como todos sabem após a saída do ex-ditador Jean Claude Duvalier em 1986, o país terá experimentado momentos terríveis para estabelecer a democracia. De fato, durante esse período de redemocratização, o país não deixa de surgir na instabilidade política. Um fenômeno que resulta das invasões das forças armadas da ONU no Haiti (1994, 2004), dentro do país nas administrações públicas, isso cria outro mau funcionamento para o avanço da "corrupção" do país.

Deve-se notar também que há o problema dos desastres naturais, por um lado, que impede estruturalmente o desenvolvimento de certas coisas no território haitiano, mas isso não é óbvio no momento. Devido à situação política atual no país, a situação provavelmente piorará se as diferentes camadas da sociedade, tais como: o governo e a oposição; o governo e a sociedade civil (o povo) não alcançaram um consenso social. Empresas como agentes econômicos decidem investir em um país com base em fatores socioeconômicos e políticos fundamentais. Se o governo não agir o mais rápido possível, a economia haitiana enfrentará os primeiros piores momentos do século XXI.

Já a moeda nacional (gourde) desvalorizou-se de forma acelerada em relação ao dólar, evidentemente, o que provoca o aumento dos preços dos produtos de primeira necessidade (commodities) no mercado haitiano.

Devido à incerteza política, falta de credibilidade, fraca governança e liderança, etc., bem como outros fatores mencionados, a economia haitiana vem experimentando inflação de cerca de 15% nos últimos dois anos. Sabemos que o dinheiro tem certas funções relevantes,

no caso da abóbora, parece-me que está perdendo uma de suas funções (a reserva de valor). A função que resulta dos meios de troca em que o poder de compra adquirido durante a venda de sua mercadoria. Uma moeda deve preservar o poder de compra dos títulos, porque eles têm um valor de compra e uma lucratividade ao longo do tempo.

Então, por causa da incerteza política e outras variáveis, uma série de repercussões ocorreu na essência da sociedade haitiana. Isso faz com que o governo e os vários agentes econômicos acabem em uma situação desesperadora, protestando em todos os cantos do país contra o atual governo, mas a questão é, será que com a demissão do presidente Jovenel os problemas do Haiti serão resolvidos?

Referências

ALVAREZ, Rocio Morales. La evolución económica de Haiti a través Del comercio, 1915 – 1959. Tesis doctoral – (UAB- Universitat Autònoma de Barcelona) – Facultad de Filosofía y letras – Departamento de Historia Moderna y Contemporánea – Doctorado em Historia social y política comparada) – diciembre 2016.

BAMBIRRA, Vânia. **O Capitalismo Dependente Latino-Americano**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2015, p56.

CARCANHOLO, Reinaldo. A atual crise do capitalismo. **Crítica Marxista**, n. 29, p. 49-55, 2009.

CEPAL, : Haiti – Evolution économique de l’année 2006 et les perspectives pour 2007.

CEPAL, N. U. Transformação produtiva com equidade: a tarefa prioritária do desenvolvimento da América Latina e do Caribe nos anos 1990. **En: Cinquenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 2, p. 887-910, 2000.**

FIEVRE, Yvette Augustin, **Chocs externes et ajustement dans une petite économie ouverte : le cas d’Haiti (1960-1990)** – rapport de recherche, novembre 1994. (Université de Montréal – Département des Arts et Sciences).

HAUSMANN, Ricardo et al. **The atlas of economic complexity: Mapping paths to prosperity**. Mit Press, 2014. Acesso em: 25/06/2018, às 18:24.

JORGE, Otávio Calegari; Codemò: escravos sem grilhões. Vida operária ao redor da zona franca CODEVI em Ouanaminthe, Haiti, 2014, Campinas.

MANTEGA, Guido et al. **A Economia Política Brasileira**. 2. ed. Petrópolis: Polis/vozes, 1984. 288 p.

MARX depois de Piketty. Realização de José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Escola de Serviço Social da Ufrj, 2015. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FQV5_IB6SO4&t=5579s>. Acesso em: 04 dez. 2017.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: um introdução Críticq.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 272 p.

OSORIO, Jaime. Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica. **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência.** São Paulo: Boitempo, p. 37-86, 2012.

OURIQUES, Nildo D.; CARVALHO, Wolney R.; RUTKOSKI, Márcio M. A aristocracia financeira e o assalto ao Estado na América Latina. **A Trama da Privatização: A reestruturação neoliberal do Estado.** Florianópolis: Insular, p. 205-222, 2001.

POLANYI, Karl. **A grande Transformação: As origens de nossa época.** 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 342 p.

SAINTIL, Fednel. **Um estudo sobre a mudança da pauta das exportações do Haiti: uma abordagem histórico-estrutural.** 2018. 111 p. Trabalho de Conclusão de Curso Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

SOUZA, Nilson Araújo de. **A Nova Ordem Econômica Internacional.** São Paulo: Global, 1987. 144 p.

SOUZA, Nilson Araújo de. **Economia Internacional Contemporânea: Da depressão de 1929 ao Colapso Financeiro de 2008.** São Paulo: Atlas S.a, 2009. 262 p.

STIGLITZ, Joseph E. et al. **Principes d'économie moderne.** De Boeck Université, 2000.

WORLD BANK GROUP. **Doing business 2019: Training for reform.** 16th Edition. Disponível em: http://www.worldbank.org/content/dam/doingBusiness/media/Annual-Reports/English/DB2019-report_web-version.pdf.